

Apresentação

Cesar Augusto Castro - UFMA

Claudia Panizzolo - UNIFESP

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

(Carlos Drummond de Andrade)

A poesia de Carlos Drummond de Andrade é um convite para pensarmos a infância como uma experiência individual, ao mesmo tempo em que coletiva constituída em diferentes espaços e protagonistas. A temática Infância cada vez mais tem assumido lugar privilegiado nos estudos, pesquisas e nos debates em eventos científicos no campo da história da educação brasileira, que sob enfoques vários, tem procurado compreender como em determinado lugar, tempo e espaços escolares ou não escolares crianças de ambos os sexos foram sendo instruídas e educadas.

A História da Educação tem se debruçado na busca e compreensão dos diferentes modos em que o tempo infantil tem se defrontado com o patrimônio civilizacional, patrimônio que diz respeito às comunidades de pertencimento lingüístico, cognitivo, artístico, enfim cultural presente na rua, no abrigo, no asilo, na creche, no jardim de infância, na escola materna... Considerar estas diferentes instâncias formativas das crianças em sua concretude histórica permite compreender os processos educativos, ou ao menos cotejá-los em sua variedade de possibilidades. O acesso ao patrimônio civilizacional implica ainda na interação entre os pares de crianças, e destas com os adultos e seus saberes e seus não saberes.

Isso tem possibilitado que a infância seja estudada sob os mais diferentes prismas teóricos e metodológicos e ajudado a entender, certamente, os meios, os métodos, os recursos, os objetos adotados para fazer com que meninos e meninas, aprendessem as primeiras letras, as canções de ninar, sentissem os aconchegos, as punições e os castigos corporais aplicados no interior das instituições de recolhimento e nas creches e pré-escolas de diferentes localidades do Brasil .

A revista *Linhas*, do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC, vem ao encontro desse fértil movimento dos debates sobre a infância ao trazer para os leitores o Dossiê “Educação e Infância da perspectiva histórica”, um conjunto de artigos sobre aspectos diversos que o tema abrange.

O trabalho de Elisângela Iargas Luzviak Mantagute discute os espaços e mobiliários propostos, prescritos e efetivados para crianças de 0 a 6 anos que frequentavam as

creches na Cidade de Curitiba, no período de 1975 a 1986. Essas instituições criadas no meio de conjuntos habitacionais destinavam-se a atender crianças pobres. Segundo a autora, este provavelmente seria um dos motivos pelos quais as creches apresentavam espaços inadequados, além de número de pessoal reduzido para atender ao elevado contingente de crianças. O estudo do mobiliário e objetos destinados a essas instituições ajuda a compreender de que forma foi sendo construída uma determinada representação de infância no município de Curitiba. Assim, ao empreender uma análise comparativa entre o mobiliário e os objetos existentes nas creches curitibanas e o que era prescrito pelo Ministério da Saúde, a autora encontra uma enorme discrepância, sobretudo nas orientações referentes ao uso de brinquedos e brincadeiras. A autora conclui indicando que os móveis planejados para comporem o espaço do cotidiano das instituições de atendimento à criança de 0 a 6 anos, representam uma visão de criança presente no discurso e nas atitudes do poder público, indicando por um lado o “barateamento” dos investimentos e por outro a presença de uma educação compensatória para a infância.

O trabalho de Adriana de Souza Broering, Patricia Regina de Sa Brant e Adilson De Angelo, “Educação Infantil pública municipal em Florianópolis: um estudo da arquitetura escolar a partir de documentos iconográficos (1976 a 1987)” objetiva analisar sob a perspectiva da história, a arquitetura e os espaços escolares das instituições de Educação Infantil da Rede Municipal da Cidade de Florianópolis no período de 1976 a 1987. Segundo os autores, este estudo possibilita desvelar a cultura material escolar que está implícita nessas construções, considerando a apropriação, a interpretação e a reinterpretção do espaço em sua funcionalidade. As fotografias e as plantas dessas instituições são as fontes privilegiadas pelos autores para analisarem os espaços destinados à educação de crianças pequenas, no tempo que o estudo abarca. Ao concluírem, os autores apontam que a arquitetura materializada nas práticas educativas contribuem para conferir sentido ao passado pelo desvelamento da cultura material das instituições para a infância.

O artigo de Joseane de Fátima Machado Silva intitulado “A contestação e a resistência da criança do Abrigo Provisório para menores abandonados de Santa Felicidade (Curitiba, 1947-1953)” identifica e analisa os atos de contestação e resistência

de crianças em situação de pobreza e abandono que se encontravam reclusas no Abrigo Provisório para Menores Abandonados de Santa Felicidade, na cidade de Curitiba, no período de 1947 a 1953. Os relatórios - mensais e anuais - da Assistência Social da Instituição enviados à Diretoria Geral da Educação foram as fontes privilegiadas adotadas pela autora para a tessitura do seu texto, na medida em que trazem informações sobre as matrículas, atendimento médicos e dentários, a frequência às oficinas de sapataria, alfaiataria, carpintaria, selaria, dentre outras atividades que faziam parte do cotidiano da instituição. Segundo a autora, as crianças eram oriundas de famílias pobres que não tinham como sustentá-las, abandonando-as provisória ou definitivamente nas ruas ou no abrigo. Com o tempo e com o processo de socialização poderiam ser entregues às famílias com condições de criá-las ou continuavam sob a proteção do Estado, que deveria orientá-las para o trabalho. A autora conclui o artigo indicando que o significativo número de foragidos e os reinternamentos no Abrigo Provisório sinalizam os mecanismos de resistência às medidas socioeducativas, médico-higiênicas e de preparação para o trabalho que entremeavam a sua infância.

O trabalho de autoria de Kamila Lockmann e Maria Renata Alonso Mota, intitulado “Práticas de assistência à infância no Brasil: uma abordagem histórica” apresenta resultados parciais de dois estudos em desenvolvimento no Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância da Universidade do Rio Grande (RS) que objetivam analisar os deslocamentos históricos sobre as práticas de assistência no Brasil e seus reflexos sobre a população infantil a partir do conceito de governamentalidade de Michael de Foucault. O texto trata da temática em diferentes períodos históricos com destaque para os oitocentos, o advento da República brasileira e o tempo presente. As autoras concluem indicando que vivemos hoje um período de uma reconfiguração das práticas de assistência, que se inscrevem na racionalidade comumente denominada de neoliberal, a exemplo, o Programa lançado pelo governo denominado Brasil Carinhoso.

Na perspectiva de entender o modo como as crianças foram pensadas e tratadas por um educador, Juarez José Tuchinski dos Anjos, no artigo “Propostas do professor Pedro Fortunato para a escolarização da criança na Província do Paraná (1867-1880)

recorre às correspondências e aos livros de matrícula do Professor, que atuou na Cidade da Lapa, Província do Paraná, no período de 1867 a 1880. Nesse texto, podemos compreender as condições exigidas para o ingresso na carreira docente, o cotidiano das salas de aula, tais como o número de alunos por sala, o tempo de duração dos trabalhos escolares, a idade apropriada para a escolarização e as dificuldades para o exercício das práticas educativas no oitocentos, como o problema do provimento de materiais para meninos pobres e a necessidade de instrução para escravos e ingênuos.

Danielle Marafon, por seu turno, objetiva discutir documentos norteadores de uma proposta pedagógica para o atendimento da criança em creche no texto “Entre uma pedagogia da assistência e uma pedagogia compensatória: Proposta pedagógica para o atendimento da criança em creche (1993)”. A autora toma como base, documentos organizados pelo Ministério do Bem-Estar Social e pela Legião Brasileira de Assistência no ano de 1993. A proposta é discutir o documento à luz da História dos intelectuais, com ênfase no pensamento e atuação de Paulo Freire. A autora conclui que a documentação analisada apresenta posições profundamente conformadas por concepções assistenciais, expressando tendências assistencialistas e compensatórias em sua proposta para a educação da criança pequena.

O artigo de Telma Anita Piacentini, denominado “Imagens de infância: uma possível historiografia da infância” faz uma incursão pelas obras de arte com destaque para as obras produzidas em diferentes momentos na Itália. Ou seja, a autora procura no decorrer do seu trabalho identificar na iconografia referente ao Renascimento Italiano a presença da imagem do *putto* como um sentimento que testemunha um grande movimento de interesse em favor da infância que aparece já no final do século XIV. Na busca da configuração coletiva da imagem da criança Piacentini revisita obras de pintores como Donatello, Mantegna e Tiziano à luz de referenciais buscados na historiografia, tais como Becchi e Cambi.

Desse modo, fica o convite aos leitores da revista *Linhas* a seguir conosco pelas trilhas da educação infantil, em diferentes tempos e espaços históricos por ser uma das

maneiras pela quais podemos entender, refletir e compreender a história da infância e das crianças que frequentam (ou não) as instituições escolares brasileiras.

São Luis do Maranhão/ São Paulo, outono de 2013

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE
Revista Linhas
Volume 14 - Número 26 - Ano 2013
revistalinhas@gmail.com